

Passe por cima de seus concorrentes: Despache sua carga via VASP.

## QUESTÕES

### Uma farsa na Barra

Com seus compromissos com as empresas imobiliárias, a grande imprensa do Rio de Janeiro não tem acompanhado com a atenção que o assunto merece o funcionamento do conselho consultivo especial que o prefeito Júlio Coutinho constituiu para a revisão do Plano-Piloto da Baixada de Jacarepaguá. Não se trata de incompetência nem de falta de sensibilidade jornalística: os grandes jornais têm profissionais de primeiríssima qualidade, mas sua programação (a chamada pauta, que tantos combatem, sem razão) está voltada para o supérfluo, o irrelevante, o inócua. Os jornais gastam tempo, recursos materiais, mão-de-obra, tinta e papel para brincadeiras como aquela a que assistimos recentemente: linhas e linhas de matérias sobre o orangotango que nasceu no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, o Tanguinho. Depois, linhas e mais linhas sobre o revertério verificado: não era Tanguinho, mas Tanguinha, porque o meigo animal era do sexo feminino. Seria cômico se não fosse sério.

Porque isso, a principal área do Rio de Janeiro ainda suscetível de ocupação urbana, a Baixada de Jacarepaguá, está sendo retalhada entre os grandes grupos imobiliários. Quase em surdina, o tal conselho consultivo vai derrubando uma a uma as disposições que asseguravam a ocupação racional da região, sem que a opinião pública tenha conhecimento das lesões causadas ao interesse da comunidade. Outro dia o *Jornal do Brasil* publicou uma notinha sobre algumas decisões do conselho: parecia um telegrama cifrado, em que as pessoas comuns não percebiam bulhufas do que significavam as decisões citadas, embora os beneficiários das resoluções ficassem sabendo que, uma a uma, inúmeras áreas eram liberadas para a exploração predatória.

Esse conselho consultivo já no nascedouro era altamente comprometido. O prefeito Júlio Coutinho fez aquilo que os velhos malandros do Rio de Janeiro chamavam de *visagem*, sinônimo bem carioca de encenação: convidou a integrar o grupo figuras respeitáveis, a começar por um admirável brasileiro chamado Roberto Burle Marx, pediu a instituições igualmente respeitáveis (a Associação Brasileira de Imprensa, o Clube de Engenharia, o Instituto dos Arquitetos do Brasil — Seção do Rio de Janeiro) que designassem representantes e, sem que nenhum dos convidados suspeitasse, deu a maioria na composição do grupo aos representantes do setor imobiliário. Com essa aura de respeitabilidade, o conselho passou a fazer tudo o que a especulação imobiliária deseja, com o aval de uma composição supostamente isenta, representativa da comunidade.

Mas, a opinião pública do Rio de Janeiro não foi informada sobre nada disso, nem sobre o comportamento tão distinto de homens como Lúcio Costa e Roberto Burle Marx. Autor do Plano-Piloto da Baixada de Jacarepaguá, mestre Lúcio Costa rendeu-se aos interesses da indústria imobiliária, enquanto Roberto Burle Marx, com o seu destemor, com o seu raro espírito público, não só se opôs como denunciou a mutreta institucionalizada. Coetâneos, participantes de obras comuns — o edifício do Ministério da Educação e Cultura, Brasília —, Lúcio e Burle Marx hoje são antípodas, encontram-se em pólos antagônicos. Há dias, no tal conselho ("Grupo Especial Consultivo da Barra da Tijuca"), os dois travaram um debate que é definidor:

Lúcio — Ora, Roberto, você tem de entender que não podemos nos preocupar com a vegetação. A área foi feita para as pessoas morarem.

Burle Marx — E quem foi que disse, Lúcio, que o homem não pode conviver com a vegetação?

Resumo da história: numa reunião convocada de surpresa e para a qual não foram chamados todos os seus integrantes, em especial aqueles inconvenientes, como Burle Marx, o Grupo Especial liberou a Reserva Biológica de Jacarepaguá para a construção de bares e restaurantes. Quinze anos depois de criada pelo Governo Carlos Lacerda, após 15 anos de resistência a mutilações e agressões de todo tipo (inclusive da própria comunidade, que não compreende a sua importância), a Reserva Biológica é entregue de mãos beijadas à exploração mais ignóbil, mais leviana, mais sem sentido.

Ganhará um doce quem descobrir nos jornais do Rio uma linha a respeito da ação desgregadora desse grupo que é especial apenas para a indústria imobiliária. Em compensação, imaginem se nascer um Tanguinho ou uma Tanguinha, lá na Barra. Com seu cinismo e sua indiferença, a grande imprensa mandará para lá seus melhores repórteres. É isso aí.

Maurício Azêdo